

de alguma forma influenciado (por sobreposição) a minha consciência, ou a de alguém que me influenciou. Sou, em parte, meus pais e avós, e por intermédio deles gerações e gerações de progenitores que não conheci pessoalmente.

Da mesma forma, através da memória popular e da forma como também ela foi colhida por minha memória quântica e enredada a meu presente, no caso de ser americana, sou em parte George Washington ou Abraham Lincoln ou John Kennedy. Isto é, a honestidade de Washington, o senso de justiça de Lincoln e o entusiasmo jovial de Kennedy são parte de meu próprio ser na medida em que prezei e reverenciei (formei uma espécie de ligação íntima com eles) tais qualidades neles. Estamos literalmente entrelaçados à História e, ao mesmo tempo, a História está em diálogo conosco.

Como diz Marcel acerca de sua ligação com o passado dos outros, “devo pensar em mim mesmo não meramente como alguém jogado no mundo em dado momento do tempo, mas como um elo de ligação com aqueles que vieram antes de mim, de tal forma que essa ligação pode ser reduzida a mera relação de causa e efeito”.<sup>4</sup>

Vista em termos da memória quântica, a ligação com aqueles que vieram antes — com os mortos —, assim como com o passado das pessoas vivas que amamos, não é uma ligação de mera “memória”. Não se trata de *lembrar* essas pessoas mas de *ser* (em parte) essas pessoas. Por meu intermédio, pelo fato de aspectos de seus seres estarem entrelaçados a meu próprio ser, eles são reencarnados — colhidos pela minha vida para viver como eu vivo.

Certamente, argumentaríamos, os mortos *não* podem “viver como eu vivo”. Talvez seja possível, através da memória quântica, que a vida passada de uma pessoa morta torne-se agora parte de minha vida, mas o que faz de minha vida algo vivo é o fato de existirem experiências em andamento. Estou consciente de mim mesma como viva e eu tenho um futuro. Fico maravilhada com a beleza do sol da manhã refletido nas águas do canal que passa

sob minha janela, e muito provavelmente farei o mesmo amanhã. Os mortos certamente não têm tais experiências nem futuro, ou têm?

Mas tais perguntas apenas expõem a tenacidade de nossa velha maneira pré-quântica de ver o ser — não só nossa maneira de enxergar a sobrevivência do ser, mas também nosso modo de vê-lo com vida enquanto existente no tempo e se relacionando com os outros. Numa visão clássica do ser — uma visão que, se não for dualista (minha mente e meu corpo são entidades distintas), é necessariamente materialista (eu sou um cérebro) — não há como explicar a continuidade do ser através do tempo, muito menos após a morte, nem como explicar os relacionamentos íntimos.\* Ao contrário, numa visão quântica, não há como traçar uma distinção clara entre minha continuidade no tempo, meu relacionamento íntimo com os outros e minha sobrevivência após a morte. Nem isolamento nem morte têm significado claro.

Numa visão quântica, meu relacionamento comigo mesma ao longo do tempo — o casamento de meus muitos subseres sempre mais numerosos através da memória quântica — é muito parecido com meu relacionamento íntimo com outra pessoa em qualquer momento. Em ambos os casos “eu”, tal como me encontro “agora”, tenho origem numa tapeçaria de padrões entrelaçados (oscilações) no sistema quântico do meu cérebro. Alguns desses padrões emergem de ligações nervosas estabelecidas em meu próprio passado, outros emergem de correlações não-locais\*\* com padrões no sistema quântico do cérebro de outra pessoa, mas ambos estão entrelaçados em “mim”.

Eu sou eu (a união de meus subseres), mas sou também eu-e-você (a união com você). Se eu morrer, é verdade que não have-

\* Vide argumentação nos capítulos 8 e 9.

\*\* Se os sistemas quânticos sobrepostos surgidos de dois cérebros separados estão sujeitos a efeitos de correlação não-local, trata-se de uma especulação “fundada”. Tais efeitos de correlação existem entre fótons de raios *laser* distintos, e o vácuo quântico está repleto deles. No entanto, pode haver alguma outra explicação para a sobreposição de pessoas, baseada em processos físicos que ainda não conhecemos.